

MICHAEL ARANTES MÜLLER

Observadores do Horizonte
Horizontbeobachter

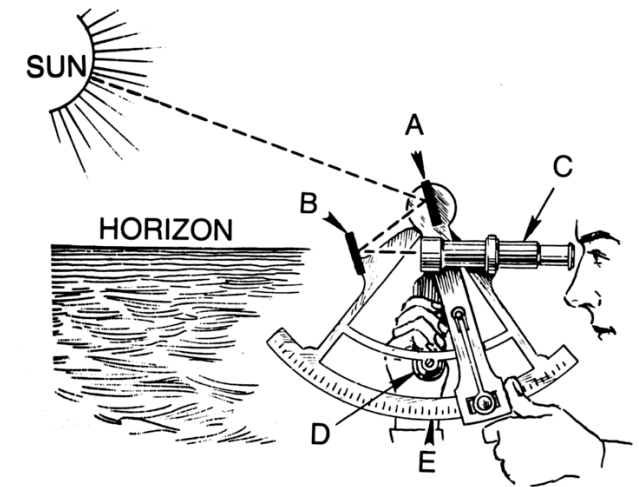
Michael A. Müller als Horizontbeobachter

„Wir leben alle unter demselben Himmel, jeder von uns hat jedoch einen anderen Horizont“. So oder ähnlich hat es einmal mit ironischem Unterton ein deutscher Bundeskanzler formuliert. Wie oft wohl hat Michael Müller auf diesen gemeinsamen Himmel geblickt, um aber an den Ort jenseits des Horizonts zu denken? Unzählige Male. Seine Bilder sind der beste Beleg dafür.

Und die Horizonte, die sich ihm im Laufe seiner Laufbahn boten, konnten kaum verschiedener sein. Als Fallschirmspringer war Michael Müller in jungen Jahren dem Himmel oft sehr nahe, hatte, in gewisser Weise, die Möglichkeit über den Horizont seiner Erdenmitmenschen hinweg zu schauen. Die Schwerkraft brachte ihn aber immer zurück auf den Boden der Tatsachen, und diese waren für denkende Künstler wie er nicht immer einfach in der DDR.

Was hat der Fall der Mauer für ihn nicht anderes bedeutet, als die Möglichkeit, sich endlich zu neuen Horizonten aufzumachen? Sein Blick, der wie kaum ein anderer geschult ist, sich in die Ferne zu richten, kommt in den farbigen Holzschnitten klar zum Ausdruck. Ganze Landschaften eröffnen sich dem Betrachter bis in die feinsten Maserungen der Holzplatten hinein, die er für den Druck benutzt. So erschöpft sich die Form, in der Kombination verschiedener miteinander in Beziehung stehender Holzvorlagen, nicht auf den Umriss, auf die Begrenzung einer oder mehrerer Figuren. Vielmehr wird die Form von einem reichen und differenzierten Innenleben erfüllt, das man sich erschließen kann. Was die Natur nicht zulässt, macht die Kunst möglich: hier können Linien überschritten werden, indem man einer Welt näher kommt, die alles Imaginäre als real erscheinen lässt. Anders als Horizontlinien, die unerreichbar bleiben, lädt das bildnerische Werk dazu ein, das prächtige Universum, das sich hinter den Horizonten bildet, bei jedem Blick zu ergründen. Dies macht die Vielfalt in der Kunst aus, denn sie entspricht der Vielfalt der Horizonte aller Künstler.

Michael Müllers Horizonte verlagerten sich immer wieder. Zunächst kamen mit diesen Verlagerungen die Farben. Und mit den Farben die Mythen, denn Palmen, Schiffe, merkwürdige Wesen, sind kein Abbild der sichtbaren Welt mehr, sondern geben Kunde von den magischen und rätselhaften Geschöpfen jenseits jedweder Horizonte. Michaels persönliches Erleben des Regenwaldes, seine Auseinandersetzung mit unterschiedlichen Welten, vor allem auch mit Zwischenwelten von Zivilisation und Natur, kommt hier zur Geltung. Das indigene Wissen, der besondere Umgang mit Wahrnehmung ließen Michael sich den indigenen Horizonten öffnen. Hunderte von Bezeichnungen für Grün, wie sie im Amazonaswald genutzt werden, verdeutlichen die immense Vielfalt im Kleinen und sollten Michaels Arbeiten ab Ende der 1990er Jahre grundlegend prägen. In der Abstraktion großer farbiger Flächen, finden sich figürliche Gebilde, die entdecken und zu bewerten dem Betrachter überlassen bleibt. Was ist der Regenwald für die indigenen Völker mehr als dieses Große, riesige Universum? Gross ist die Welt Amazoniens und im Kleinen lässt sich das Überleben sichern. Im Kleinen aber auch, in jedem einzelnen Baum, kann diese besondere Welt systematisch zerstört werden, wie uns gegenwärtig wieder besonders brutal vorgemacht wird...



Von der Großflächigkeit der Formen im Holzschnitt kommen wir im Oeuvre von Michael Müller nun auf die Komposition aus verschiedenen figürlichen Einheiten, vom Mythos aus der (unerreichbaren) Ferne, zu den Mythen des globalen Alltags zurück. Kaum ein Prozess ist wichtiger als die Begegnung mit fremden Kulturen um das eigene, unmittelbare Umfeld besser zu sehen und deutlicher zu erkennen. In „Häutung“ kommt dieses Prinzip zur Geltung: Sich eine neue Haut zuzulegen ist die Strategie der Urwaldschlange, sie begegnet uns aber auch im sich immer schneller erneuernden und erfindenden globalisierten Menschen. Die sechs großen Holzdrucke sind in den schlichten Farben Weiss, Rot und Schwarz gemeinsam auf Leinwand komponiert. Drei Farben, viele Bedeutungen: die Farbgebung der ersten Buchdrucke, aber auch die Farben der indigenen Körperbemalung aus Urucum (rot) und Jenipapo (schwarz).

Michael Müllers Bilder zeigen klar woher sie stammen, aus welcher Himmelsrichtung sich seine Horizonte zusammensetzen. Sie sind bestimmt zu zu ordnen, aber auch zeitlos, Figuren aus Mythos und Alltag zugleich, indem sie Kunde tun aus Arealen weit hinter bestimmten Horizonten. Diese Horizonte erstrecken sich aber immer unter einem und demselben Himmel, unserem Himmel. Deswegen haben Michaels Arbeiten stets mit jedem von uns zu tun.

Tiago de Oliveira Pinto





Michael A. Müller: Observando Horizontes

"Todos vivemos debaixo do mesmo céu, mas cada um de nós possui um horizonte distinto". Desta ou de forma semelhante pronunciou-se, certa vez, um chanceler alemão, não sem deixar transparecer certo tom irônico. Quantas vezes Michael Müller terá olhado para o alto, para ver este céu, mas para imaginar um outro lugar, além do seu horizonte? Inúmeras vezes. Sua obra é prova clara disso.

Os horizontes com os quais Michael se deparou ao longo de sua carreira, dificilmente poderiam ter sido mais diferentes. Enquanto jovem paraquedista chegou bem perto do céu e teve a oportunidade, assim, de olhar para além dos horizontes de seus companheiros em terra. A força da gravidade, no entanto, sempre o trouxe de volta ao chão da realidade. Uma realidade difícil para um artista pensante como ele, cidadão da RDA.

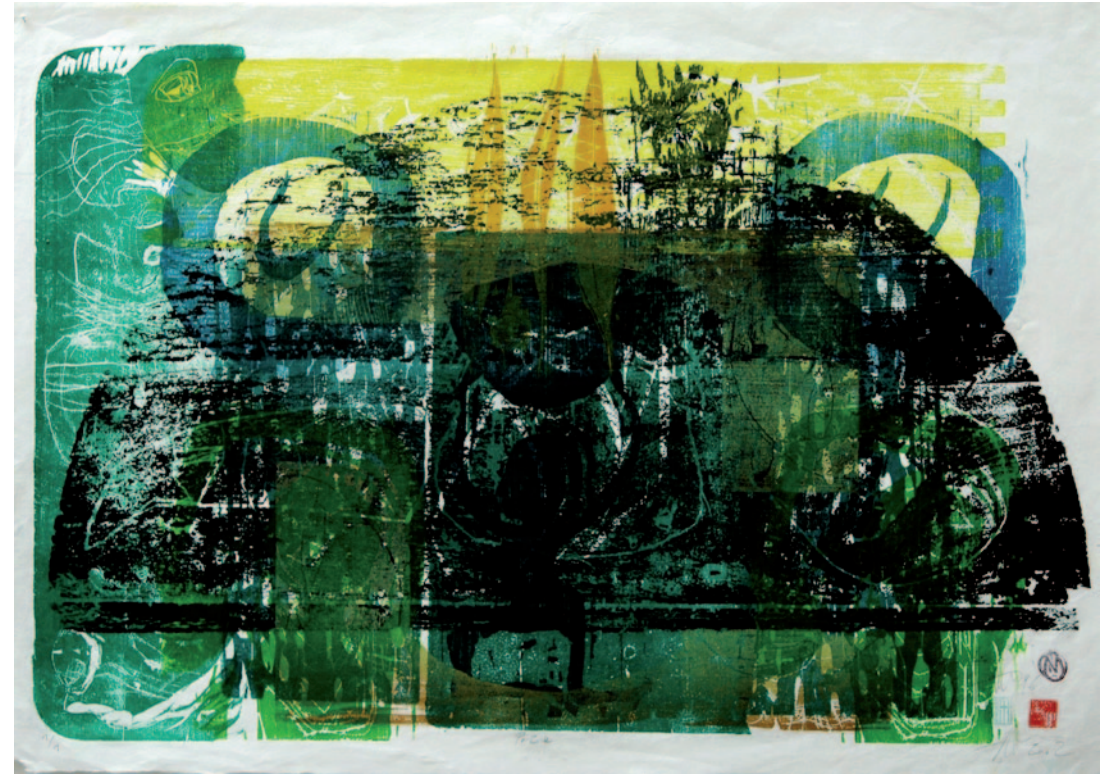
O que senão a busca de novos horizontes o faria celebrar a queda do muro de Berlim? Seu olhar, que, como poucos, é especialmente treinado para enxergar à distância, está impregnado nas suas xilogravuras coloridas. O observador se depara com paisagens inteiras, contidas nos mínimos detalhes das estruturas das placas de madeira que utiliza para gravar. A forma completa-se através da combinação de diversos clichês e não se esgota nos limites da forma em si. A forma é preenchida por um conteúdo diferenciado e rico. Aqui, o que a natureza impede, a arte viabiliza: linhas divisórias são transgredidas, possibilitando que nos aproximemos de um imaginário que parece real. Diferente da linha do horizonte, sempre inalcançável, a obra de arte nos convida a contemplar o universo exuberante que se encontra além dos horizontes. Isso explica a diversidade na arte, pois ela se deve à diversidade dos horizontes de todos os artistas.

Alteram-se continuamente os horizontes que acompanham a obra de Michael Müller. No início está a descoberta da cor na xilogravura. Com as cores chegam os mitos, pois palmeiras, barcos ou seres enigmáticos não representam o mundo palpável, mas dão prova daquele universo além-horizonte que guia a mente e a intenção do artista. A experiência pessoal que Michael teve na floresta tropical amazônica, seu discernimento de mundos distintos, inclusive aqueles que fazem a intermediação entre civilização e natureza, se faz presente na sua obra. O saber indígena, sua particular ligação com a percepção de mundo, motivou Michael a se abrir aos horizontes dos povos da floresta. Centenas de denominações da cor verde, em uso na região da floresta amazônica, comprovam a riqueza em detalhes das coisas pequenas e passaram a dar ensejo aos trabalhos do artista a partir da década de 1990. Toda a abstração contida em grandes superfícies é composta por figuras menores, cuja descoberta e avaliação ficam a cargo do observador. Enquanto a grandeza da floresta amazônica representa o universo dos povos indígenas, a sobrevivência se dá a partir das coisas menores. É nesses detalhes, da planta ou da árvore, que o universo amazônico também pode ser destruído (hoje isso ocorre de forma especialmente cruel e sistemática).

Dos grandes formatos na obra de Michael Müller chegamos às composições caracterizadas por diferentes unidades figurativas, por assim dizer da mitologia oriunda de um ponto distante, inatingível, aos mitos do dia-a-dia e pertencentes a um mundo globalizado. Não há processo mais eficaz para se enxergar e reconhecer o próprio meio social mais imediato, do que um encontro pessoal com outras realidades culturais. Na "Troca de pele" ("Häutung") este princípio se mostra muito visível. Adotar uma nova pele é uma estratégia da cobra da floresta, esta estratégia, no entanto, também funciona com o ser humano contemporâneo, cada vez mais à busca de renovação e de mudanças. As seis grandes xilogravuras em branco, vermelho e preto foram compostas e fixadas sobre uma única tela. Três cores com significados diversos: as cores das primeiras impressões de livro, ou as cores da pintura corporal dos indígenas brasileiros, com base no urucum (vermelho) e jenipapo (preto).

As gravuras e os quadros de Michael Müller evidenciam a sua origem. Não escondem a direção dos horizontes que os norteiam. Têm seu espaço conceitual bem determinado, mas ao mesmo tempo denotam uma atemporalidade consciente. Representam figuras míticas e do cotidiano, simultaneamente, ao nos darem notícias de áreas que se encontram muito além dos nossos horizontes. Estes delimitam sempre o único e mesmo céu, o nosso céu. Por isso as obras de Michael têm a capacidade de nos tocar, indistintamente.

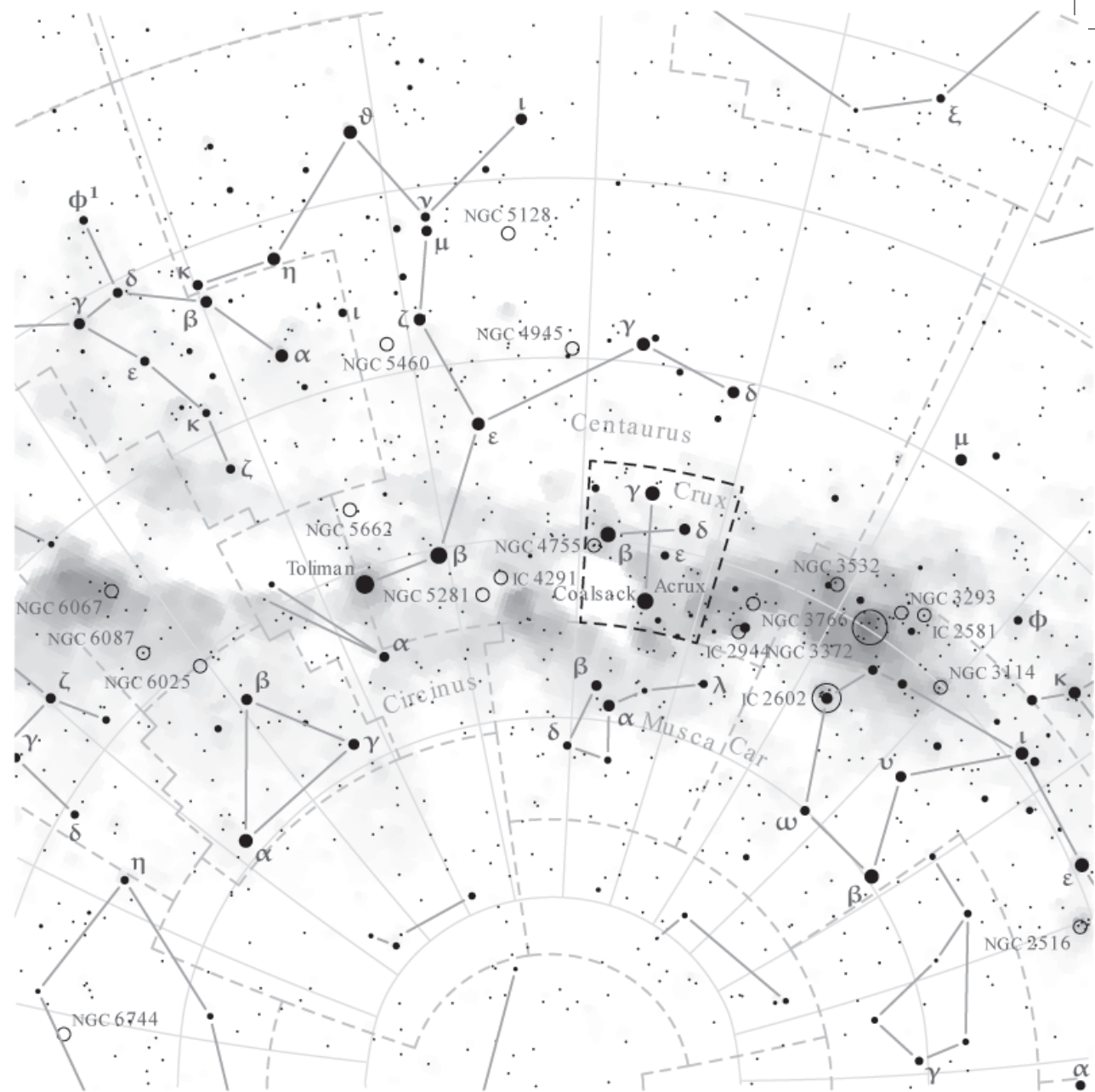
Tiago de Oliveira Pinto



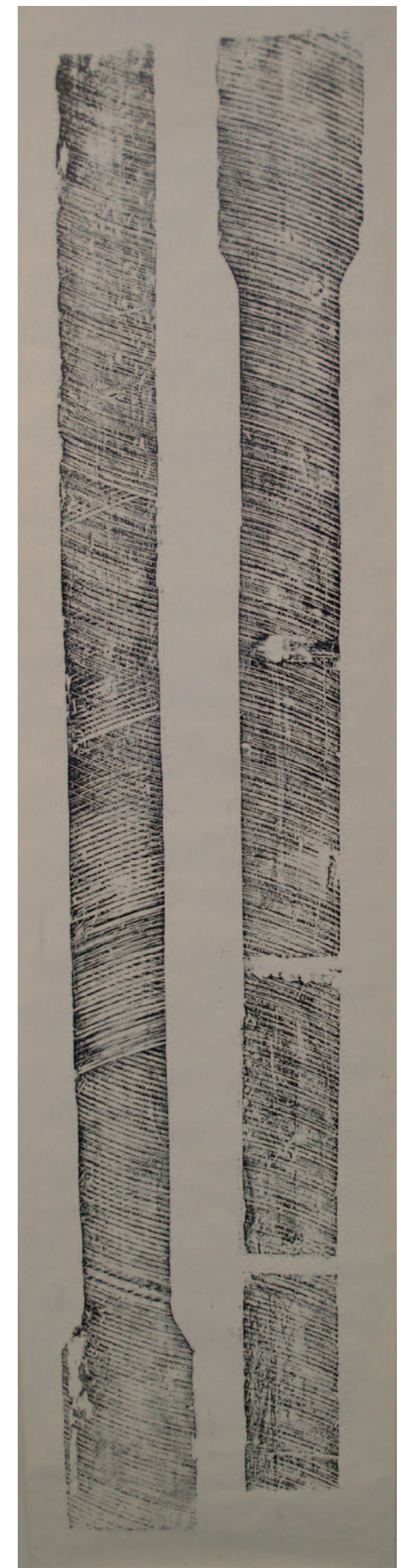
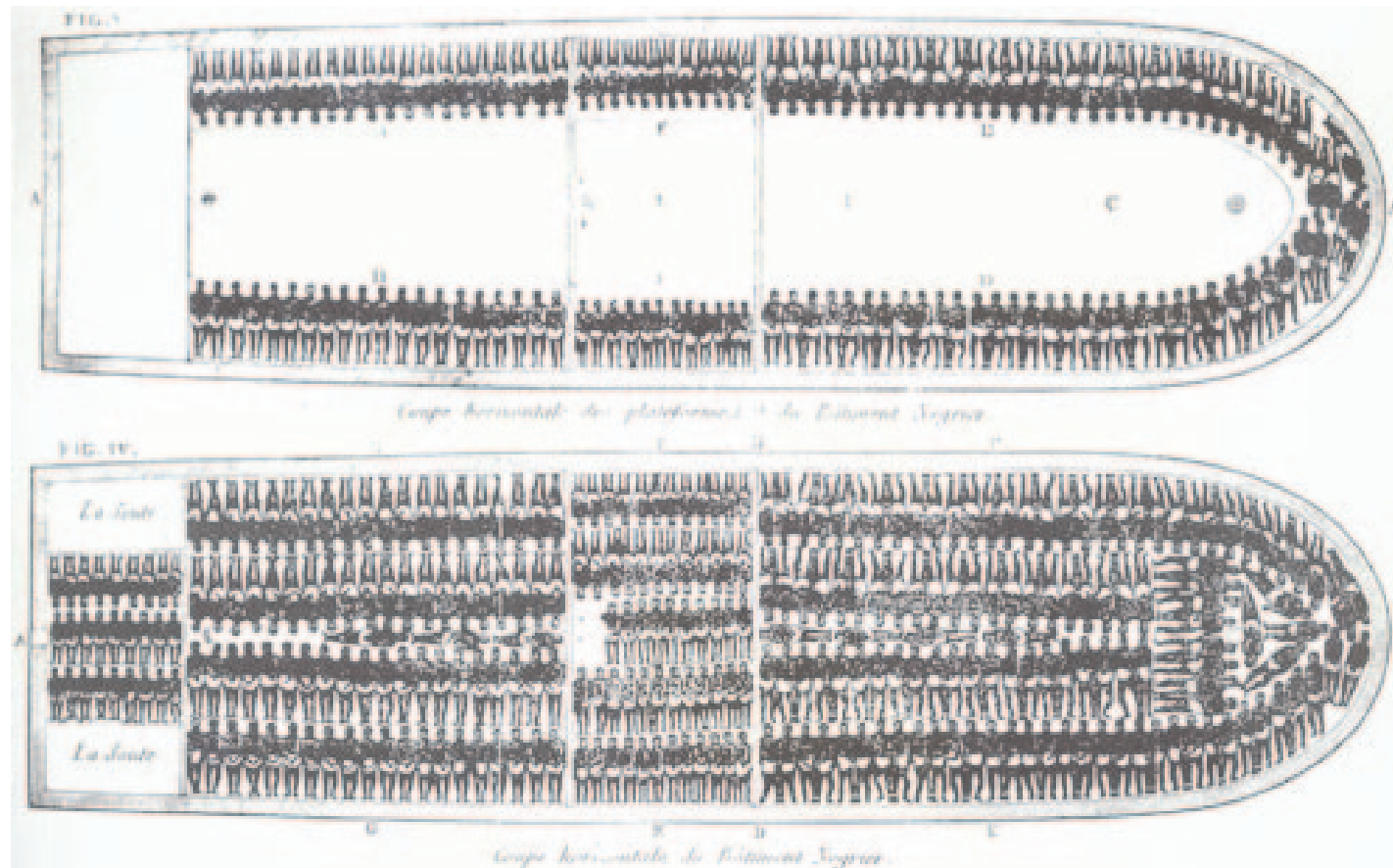








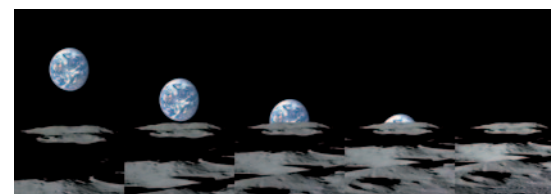


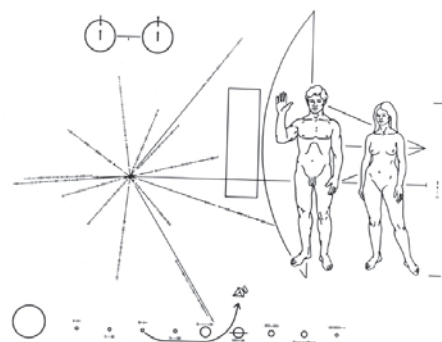












Michael Arantes Müller

Geboren 1953 in Berlin-Köpenick. Kindheit in Karl-Marx-Stadt (Chemnitz) / DDR.

Studium an der Kunsthochschule HGB in Leipzig.

Lebte und arbeitete bis 1994 in Leipzig und Chemnitz. Seit 1995 in Berlin.

Seit 1994 Studienreisen, Film und das Projekt GRÜN in Amazonien.

Weitere Studienreisen nach China, Ägypten, Südafrika.....

Seit 1986 Ausstellungen in internationalen Galerien und Museen.

Nasceu em 1953, em Berlim-Köpenick. Infância e escola em Karl-Marx-Stadt (Chemnitz) na Alemanha Oriental / RDA.

Estudou Artes Plásticas na Universidade de Arte HGB em Leipzig.

Residiu e trabalhou em Leipzig e Chemnitz até 1994. Desde 1995 vive e trabalha em Berlim.

A partir de 1994 realiza viagens de expedições artísticas e cinematográfica e projeto verde na região Amazônica.

Entre outras viagens de pesquisas na China, Egito, Africa do Sul.....

Desde de 1986 diversas exposições em galerias e museus internacionais.

Impressum

Ich bedanke mich bei Hans Jochen Schmidt, zur Zeit Botschafter der Bundesrepublik Deutschland in Armenien, Uta und Joachim Kallenberg und Prof. Edgar Wolfrum, Heidelberg public history, für ihre Unterstützung zu diesem Katalog.

Besonders bedanke ich mich bei Francisco Chagas Freitas und seiner Leidenschaft für die Kunst. Nicht zuletzt bei Judith und Matthias.

Text und Übersetzung: Prof. Tiago de Oliveira Pinto

Fotos: Judith Müller

Layout: Matthias Müller

Druck und Bindung: Conrad Berlin Wittenau

Siebdruck: Gundolf Roy

Auflage 1000 Exemplare

Der Umschlag ist eine originalgrafische Serigrafie.

Der Katalog entstand anlässlich des Projektes „Horizontbeobachter“ in Brasilien 2011. Gefördert durch das Museu Nacional in Brasília, dem Goetheinstitut, der Kulturverwaltung des Landes Berlin, der Deutschen Botschaft in Brasilien und dem Instituto Plano Cultural Brasília.

Grafiken und Abbildungen - Gráficos e imagens

1 Horizontbeobachter - Observador do horizonte

unikater Farbholzschnitt auf Papier, 20x40 cm, 2001

3 Sonnenwind - O vento do sol unikater Farbholzschnitt auf Papier, 50x90 cm, 2007

3 Abb. Sextant

4 Kälte - Frio unikater Farbholzschnitt auf Papier, 60x80 cm, 2010

6 Abb. Alter Deutscher Holzschnitt

7 Paza (Dení Aruak), der die Geschichte kennt - O conhecedor da história

unikater Farbholzschnitt auf Papier, 50x60 cm, 2002

8 Odyssee - Odisséia unikater Farbholzschnitt auf Papier, 40x60 cm, 2010

9 Ausblick - Paisagem unikater Farbholzschnitt, 60x30 cm, 2010

10 Verwandlung (zu Kafka) - Metamorfose unikater Farbholzschnitt auf Papier, 60x30 cm, 2011

11 Placenta - Placenta unikater Farbholzschnitt auf Leinwand, 60x60 cm, 2011

11 Abb. Zeichnung von Leonardo da Vinci

12 Circe verwandelt Ulysses in ein Schwein - Circe transforma Ulisses em um porco

unikater Farbholzschnitt auf Papier, 60x80 cm, 2011

13 Lilith, el dorado - Lilith, el dorado unikater Farbholzschnitt auf Leinwand, 180x90 cm, 2011

14 Sternengucker - Observador de estrelas

Sternengucker, unikater Farbholzschnitt auf Papier, 50x60cm, 2006

15 Abb. Sternenkarte mit Kreuz des Südens

16/17 Häutung - Mudança de pele Häutung, Holzschnitt auf Leinwand, 240x300cm, 2011

18 Arche - Arca unikater Farbholzschnitt auf Papier 2005, 60x 30 cm, 2005

19 Brennendes Haus - Casa queimando unikater Farbholzschnitt auf Papier, 50x60 cm, 2007

20 Abb. Sklavenschiff

21 Säulen - Colunas

unikater Holzdruck / Frottage aus dem Museu de Arte Moderna in Salvador de Bahia, 250x70 cm, 2007

22/23 Piano - Piano Piano, unikater Farbholzschnitt auf Leinwand, 160x200 cm, 2011

24 Abb. Die phlosopische Reise, indios marica

25 Füllhorn - Cornucópia unikater Farbholzschnitt auf Papier, 60x80 cm, 2010

26 Spiegel - Espelho unikater Farbholzschnitt, 60x30 cm, 2008

27 Turm - Torre unikater Farbholzschnitt, 60x30 cm, 2006

28 Herz und Hirn - Coração e cérebro unikater Farbholzschnitt auf Papier, 60x80 cm, 2010

29 Abb. Mondhorizont

30 Stills aus einer Videoperformance mit Lucas.B am Museu de arte contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro, Brasilien 2007

30 Abb. Pioneer 10 – Grußbotschaft